This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 860,002

869.8
C180
A86

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN · LIBRARIES · 1817
M

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN · LIBRARIES ·
1817

SOCIEDADE NOVA EUTERPE

TRICENTENARIO

DE

LUIZ DE CAMÕES

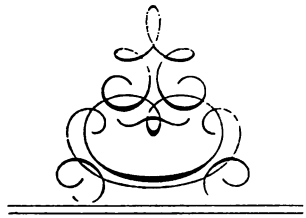
DISCURSOS PRONUNCIADOS EM SESSÃO SOLEMNE DO DIA 13 DE JUNHO DE 1880

PORTO

TYPOGRAPHIA CENTRAL

313, Rua do Bomjardim, 317.

MDCCCLXXX



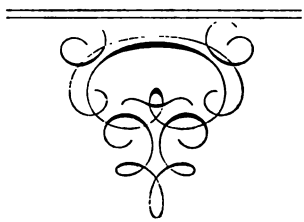
PUBLICAÇÃO

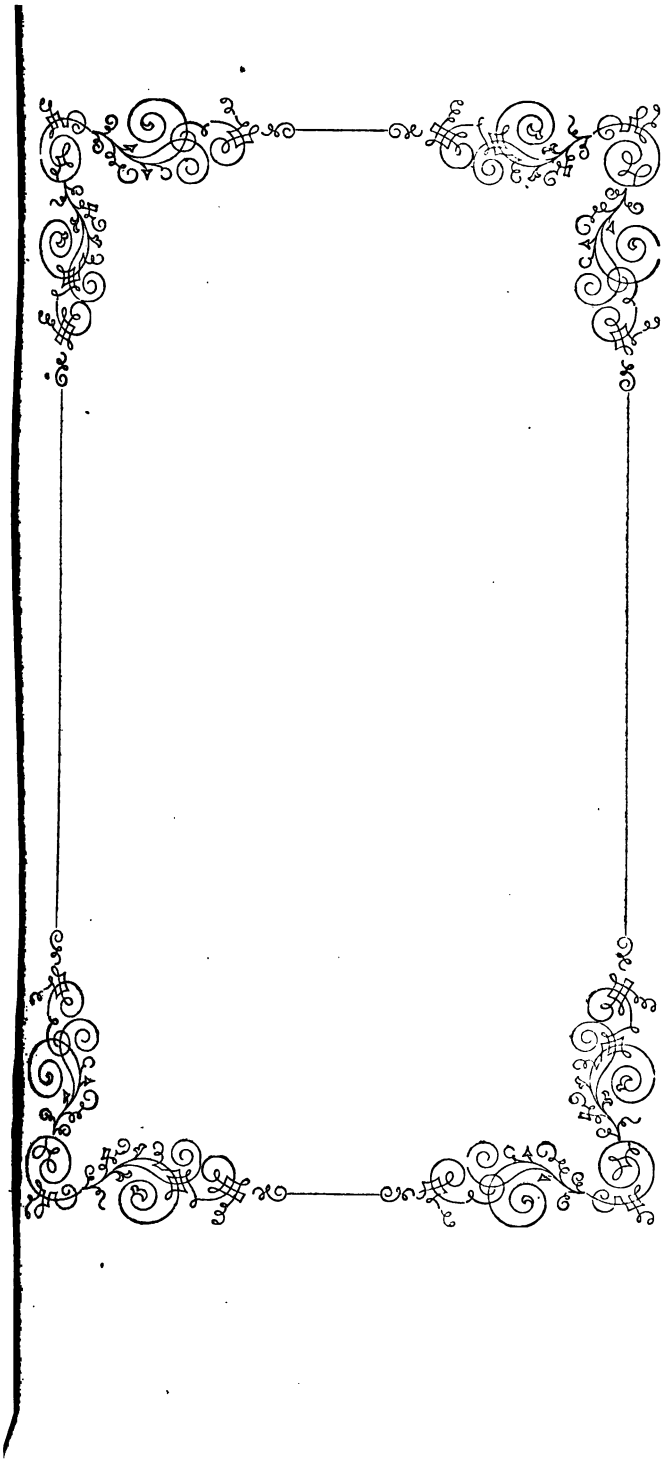
DA

SOCIEDADE NOVA EUTERPE

DO

PORTO.





Com a publicação dos discursos e poesias contidos n'este volume, e constantes do programma que opportunamente distribuimos e adeante transcrevemos, remata a *Sociedade Nova Euterpe* a festa que teve a gloria de realisar no dia 13 de junho d'este anno, commemorando o tricentenario do nosso primeiro poeta e sublime patriota LUIZ DE CAMÕES.

Tal modo de coroar as solemnidades litterarias, consagrado em todos os paizes, a proposito das grandes manifestações em honra de heroes nacionaes, tem a sua justa razão de ser no padrão duradouro que assim se lhes eleva, convertendo em monumento perduravel o que apenas seria a explosão, embora festiva e enthusiastica, d'algumas horas.

E depois o fim, o destino d'uma sessão litteraria é a instrucção; e só a imprensa é alavanca poderosa para a generalisar no espaço e no tempo.

Esta sociedade, pois, cujo alvo principal é o ensinamento util, e a prática de tudo quanto suppõe alevantado e digno, não podia olvidar semelhante meio de offerecer, não só a seus consocios e aos que quizeram honrar-nos com a sua presença, mas ainda

áquelles que a elle não assistiram, o conhecimento do que alli se passou: do que se disse e do que se fez. Para os primeiros será uma grata recordação; para os ultimos um pretexto e um incentivo de bom e salutar doutrinamento.

Accresce uma consideração de todo o pezo: e é que honrando á memoria de Camões e ainda mais, se é possivel, a ideia generosa e patriotica que acordou todo o povo portuguez n'uma acclamação unisona (á qual apaixonadamente nos associamos), perante aquelle grandioso monumento que o poeta nos legou, «Os Lusiadas», a *Sociedade Nova Euterpe* crê igualmente nobilitar-se deixando n'estas paginas um pequeno tributo de gratidão aos distinctos collaboradores que concorreram com o seu saber litterario ou musical para a realisação do modesto sarau que celebrou em 13 de junho, e não menos aos cavalheiros que em phrases benevolas e conceituosas o apreciaram, quer publicamente em noticias, que adeante e gostosamente trasladamos, quer particularmente por louvores aos quaes prestamos da mesma fórma o justo preito do nosso sincero reconhecimento.

SOCIEDADE NOVA EUTERPE

MDLXXX — MDCCCLXXX

CENTENARIO

DE

LUIZ DE CAMÕES

Sarau litterario-musical

DOMINGO 13 DE JUNHO DE 1880

ás 5 horas da tarde.

PROGRAMMA

PRIMEIRA PARTE

1.º — **Inauguração do busto de Camões** feito pelo distincto esculptor o Ex.mo Snr. Soares dos Reis, conforme o primeiro retrato gravado que se publicou com a biographia do poeta, por Manoel Severim de Faria.

2.º — **Hymno a Luiz de Camões.** — Escripto e expressamente composto para a festa do Centenario, pelo festejado poeta e socio honorario o Ex.mo Snr. A. X. Rodrigues Cordeiro, e pelo professor o Ex.mo Snr. A. Marques Pinto. Solos e córos, com acompanhamento de orchestra, pelos distinctos amadores: a Ex.ma Snr.a D. Virginia Costa e Ex.mos Snrs. Christino, Alfredo Bastos, Alfredo Ferreira da Silva, Benjamin d'Oliveira, Guilherme Q. de Souza, Julio Moutinho, J. Oliveira, Julio Cezar Napoleão e Silva, e Manoel Benjamin.

3.º — **Discurso da Presidencia** — pelo socio honorario o Ex.me Snr. José Joaquim Rodrigues de Freitas, deputado ás Côrtes e professor da Academia Polytechnica do Porto.

4.º — **D. Sebastião.** — Transcripção para violoncello, com acompanhamento de piano, pelos professores: os Ex.mos Snrs. Joaquim Cazella e Miguel Angelo.

5.º — **Poetas nacionaes e poetas épicos.** — Parallelo entre Camões e Virgilio, — prelecção pelo socio honorario e distincto professor do Lyceu Nacional do Porto, o Ex.mo Snr. Manoel Emilio Dantas.

6.º — **C'era un re, un re di Thule.** — Canzone — pela distincta amadora a Ex.ma Snr.a D. Henriqueta E. Fernandes, acompanhada ao piano pelo distincto professor o Ex.mo Snr. Miguel Angelo.

7.º — **A gloria de Camões no estrangeiro.** — Prelecção pelo socio honorario e distincto litterato, o Ex.mo Snr. Joaquim de Vasconcellos.

8.º — **L'ultima preghiera.** — Romanza alla Principessa Eliza Poniatowski — cantada pela distincta amadora a Ex.ma Snr.a D. Anna Lemos d'Azevedo; acompanhada ao piano pelo Ex.mo Snr. Miguel Angelo.

PROGRAMMA

SEGUNDA PARTE

1.º — **A Biblia Nacional.** — Prelecção proferida pelo socio honorario o Ex.mo Snr. Francisco José Patricio, prégador de S. M. Fidelissima, jornalista e socio correspondente da Sociedade de Geographia de Lisboa.

2.º — **A Luiz de Camões.** — Excerptos da *Cantata* original do distincto maestro o Ex.mo Snr. Miguel Angelo, executada ao piano pelo author.

3.º — **Camões e a Patria.** — Poesia do Ex.mo Snr. José Ramos Coelho, distincto escriptor e traductor do Tasso, lida pelo Ex.mo Snr. dr. Pedro Rocha.

4.º — **Aria da opera Ignez de Castro,** de Weeber, — cantada com acompanhamento d'orchestra, pela distincta amadora a Ex.ma Snr.a D. Virginia Costa, e de piano pelo Ex.mo Snr. Miguel Angelo.

5.º — **A Camões.** — Poesia do distincto poeta o Ex.mo Snr. Alexandre da Conceição, recitada pelo distincto amador o Ex.mo Snr. Anthero de Mello.

6.º — **Terceira phantasia sobre motivos populares portuguezes** — executada pelo seu author o Ex.mo Snr. A. Marques Pinto, acompanhada ao piano pelo Ex.mo Snr. Miguel Angelo.

7.º — **Camões.** — Extractos do primoroso poema de Almeida Garrett, leitura do Ex.mo Snr. dr. Pedro Rocha.

8.º — **A Prophecia.** — Symphonia florentina, pela orchestra.

DISCURSO

DO

SOCIO HONORARIO

o ill.^{mo} e ex.^{mo} snr.

J. J. RODRIGUES DE FREITAS,

PROFESSOR DA ACADEMIA POLYTECHNICA
E DEPUTADO ÁS CORTES

Minhas Senhoras:
Senhores:

Luiz de Camões realisou em si proprio a rara união da força, da sabedoria, e do amor; estes tres poderes, que foram n'elle ingentes, dedicou-os sublime e desinteressadamente á patria, que já tivera por filhos o infante D. Henrique, Bartholomeu Dias, Alvares Cabral, e Vasco da Gama; estes varões illustres devassaram novas terras e novos mares; Camões foi tambem navegador e guerreiro; podia bem representar tam gloriosos nomes; porém a terra, o mar, e os ceus produziram no amante de Natercia não a ancia de abrir novos mundos ao mundo velho, mas de os comprehender no seu vasto entendimento; dir-se-ia que a natureza reunira, transformára e engrandecera no nosso épico as forças do Gama, e

do Cabral, de D. Henrique e de Dias. Após os galeões que, bem providos de armas e carregados de capitães e soldados heroicos sulcaram oceanos, passou o robusto espirito de Camões, opulentado pela inspiração scientifica da natureza, e tendo o coração do melhor portuguez; não descubriu terras; rasgou, sim, novos horisontes á poesia épica, e esculpiu nas suas magestosas estrophes a assombrosa estatua dos assombrosos feitos patrios.

Producto dos maiores explendores da civilisação portugueza, cultivado pelas letras e pelas sciencias, desenvolvido nas batalhas intimas de grandes soffrimentos e na dominadora contemplação da natureza, ...dir-se-ia que a patria, como que havendo-se atrevido ao sobrenatural por dar á luz tal filho, adoecera mortalmente, até que em 1580 baixára ao tumulo com o seu cantor.

E, por seculos, Portugal jazeu sob o mais valente obscurantismo; porém assim como os Lusiadas não morreram com Camões, a patria d'elle não expirou na tragedia de 1580: renasceu emfim; e um dos actos da sua renascença é pagar uma grande divida, ao mesmo tempo que, congregando n'uma procissão civica os representantes de todas as forças vitaes da nação, inaugura o culto nacional dos grandes homens; culto que não é idolatra; é essencialmente humano; é o culto da justiça; é o culto progressivo, proprio á perfectivel e respeitosa comprehensão do passado.

Ás homenagens da patria agradecida não póde hoje responder-nos a voz de Camões; porém se a historia e a philosophia não resuscitam ossos e car-

nes, ellas fazem resurgir os factos e os principios das idades e dos homens.

E n'este momento, em que o renascimento de Portugal está nos seus inicios, a philosophia e a historia responder-nos-iam em nome de Camões: — Não vos dividaes inutilmente; amai-vos uns aos outros. Amai os grandes pensamentos da vossa época; amai-os e propagai-os; trazei para o vosso paiz as correntes da civilisação hodierna, abrindo-lhes, como bom leito, o conhecimento das tradições portuguezas; sereis então verdadeiramente dignos continuadores da obra monumental de Luiz de Camões.

PARALLELO

ENTRE

VIRGILIO E CAMÕES

DISCURSO

DO

SOCIO HONORARIO

o illme e ex.^me snr.

MANOEL EMILIO DANTAS,

PROFESSOR DO LYCEU NACIONAL

Convidado pela muito illustre Direcção da «Sociedade Nova Euterpe» para fazer uma conferencia, em que contribuisse com a humildade de meus recursos litterarios para a solemnidade d'este dia, o meu primeiro impulso foi o de escusar-me pelo convencimento da exiguidade d'esses recursos; tendo porém na devida conta a distincção com que esta mesma Sociedade me honrou por occasião da visita dos benemeritos da patria e distinctos exploradores B. Capello e R. Ivens, e animado pela modestia do trabalho — uma conferencia — no qual se não requerem os altaneiros vôos eloquentes, resolvi acceder ao convite. Um novo vinculo veiu constituir para mim em obrigação o que era antes simples acquiescencia, quando recebi a participação de me terem distinguido com o diploma de socio honorario, distincção immerecida, sem duvida, mas que me lembrava o indeclinavel dever de engrandecer, quanto

em mim fosse, não já a celebração festiva de uma Sociedade de amigos e prestantes mancebos, porém a da nossa Sociedade, e digo nossa, visto que vos aprouve ser commigo tão generosos.

Embora o ramo de estudos a que me tenho dado possa crear em vós o justificado desejo de ouvir tractar do eterno poema de Luiz de Camões em levantada linguagem e em sublimidade de conceitos, forçoso se me torna lembrar-vos, que não acalenteis nem um instante mais essa enganosa esperança. Prelector por profissão, habituado toda a vida a attender mais á importancia da ideia, do que á elegancia da fórma, não sei elaborar esses feiticeiros rendilhados da palavra, que encantam a intelligencia, movem o coração e enlevam a phantasia.

Dos notabilissimos oradores que se me vão seguir, aguardae a satisfação d'esse desejo vosso. Além do saber que os distingue, teem o condão de prender a attenção pelo brilho faiscante da linguagem, não menos que pelos recamados ornatos de uma eloquencia impressionadora.

O ponto que me proponho tratar n'esta conferencia poderá ser indicado n'estes termos: *Paralello entre Virgilio e Camões*, como poetas nacionaes e como poetas épicos.

Tenho ouvido dizer, e tenho lido algumas vezes, que Luiz de Camões foi um simples imitador de Virgilio. Uns concedem-lhe que fosse um traductor do épico latino: outros julgam os LUSIADAS uma adaptação da ENEIDA aos feitos dos portuguezes: outros ainda teem proferido blasphemias... de maior vulto,

Na religião das letras ha heresias, como em todas as religiões. Muitos tem havido, cujo desejo dominante consiste em grangearem a triste celebridade de iconoclastas. Raro se encontra um apreciador desapaixonado e sincero. Para me não taxardes de parcial, serei o primeiro a confessar-vos, que me embebeço diante da lingua latina, a mais perfeita que conheço, valente como o trovão, suave como uma toada angelica, harmoniosa como uma lyra eolia, e que ainda não posso lêr sem enthusiasmo algumas obras primorosas, legadas pela douta antiguidade, como modêlos para a creação do bom gosto. Cicero, T. Livio, Cesar, Virgilio, Ovidio e Horacio estão n'este caso. A minha admiração, porém, por estes grandes mestres não me céga. Tenho lido mais vezes a Eneida que os Lusiadas; sou affeiçoadissimo a Virgilio, confesso-o; tem sido meu companheiro desde a juventude; isso porém não fará que eu lhe dê mais do que elle merece. O nosso épico tambem se impõe ao meu espirito, e me obriga a uma admiração, que se aproxima do culto, mas nem o seu talento peregrino nem o amor da patria me deslumbrarão. Serei justo, quanto possivel.

Arrojada ou talvez temeraria é a empreza, e mais ainda se vos declarar, que debaixo de qualquer dos dois pontos de vista é Camões, no meu sentir, muito superior a Virgilio; todavia formarei o libello, e á vossa indiscutivel competencia ficará o lavrar a sentença. Se me enganar, ficarei satisfeito, em que a minha opinião seja annullada por tão auctorisado areopago. Na religião das letras não ha infallibilidades.

Nem o logar nem o tempo me permittem tractar este confronto desenvolvidamente, e tendo em conta pequenas minudencias, com que se occupam espiritos acanhados. Olharei a questão apenas por dois ou tres pontos capitaes; mas, ainda assim, não me abalançaria a uma empreza de tal magnitude, se não contasse, snr. presidente, que v. ex.ª, que tanto me tem penhorado com a sua amisade, me não recusaria a sua benevolencia, e que esta assembleia, tão numerosa como illustrada, faria justiça ás minhas intenções.

Embora não queira melindrar ninguem, seguirei o exemplo do primeiro poeta entre os filhos d'esta terra, o visconde d'Almeida Garrett, que considerava as senhoras como os unicos e verdadeiros juizes das suas inspiradas producções. É esse o tribunal que eu talvez mais respeite, por ser n'elle onde se encontra mais delicadeza de sentimentos e mais agudeza de intelligencia.

E em verdade, quem poderá distinguir entre as que adornam esta festival solemnidade, qual prevalece, se a perfeição de espirito, se a gentileza? Sêde, pois, senhoras, para mim benevolas, como para o nosso poeta já o foram as nymphas do Tejo, symbolo das senhoras portuguezas, quando lhes pediu auxilio n'aquelles versos inolvidaveis:

Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tão contrario,
Que, se não me ajudaes, hei grande mêdo,
Que meu fraco batel se alague cêdo.

Os dous poetas representam dous povos, que pela litteratura teem originariamente uma historia muito similhante. Os romanos, dados á guerra, por ella conseguem o seu progressivo augmento territorial, e, durante este longo periodo, a sua illustração ou é nulla ou quasi embrionaria, não obstante o contacto com as colonias, que ao sul da Italia constituem a chamada Grande Grecia. Rendido, porém, que foi, o archipelago hellenico ao pêso das legiões romanas, a mocidade dos vencedores correu a receber dos vencidos a cultura d'espirito, que estes primeiro receberam do Oriente para a transmittirem ao resto da Europa. Era, pois, a Grecia o manancial unico, onde se colhiam as puras aguas da instrucção.

Ahi foram vencedores os vencidos! Tanto póde o predominio do espirito sobre a materia.

A lingua de Homero e de Demosthenes forneceu os materiaes para o aperfeiçoamento da lingua do Lacio; as espantosas producções do espirito hellenico foram os moldes para as producções dos filhos da formosa Italia. Quando, a par dos successivos triumphos pelas armas, as letras attingem o grau do mais subido aperfeiçoamento, nasce junto de Mantua um poeta, para quem estava reservada a gloria de eternisar o nome da togada gente.

Similhantemente, os portuguezes tomam pelas armas palmo a palmo a terra, que nos é patria, e depois de firmarem no throno portuguez o valoroso mestre d'Aviz pela victoria d'Aljubarrota, vão de armadura sempre vestida em seguimento dos inimi-

gos da Fé, e fazem tremular sobre os baluartes de Ceuta a bandeira lusitana.

Coincidencia singular! Junto da nossa primeira conquista recebe mais tarde honroso ferimento o nosso primeiro poeta, ainda então o cavalleiro donzel —Luiz de Camões!

O rei ensina alli seus filhos a ganhar as esporas de cavalleiro, e todos elles deixam antever pelos seus brios o que a patria devia d'elles esperar.

Um, por certo o maior, considerando Portugal estreito ambito para seu espirito ingente, cria para si um reino maior, mais amplo, tão grande como a immensidade—o dominio dos mares.

A este projecto tytanico devota todos os cuidados da sua alma privilegiada, e, ajudado por intrepidos navegadores, vê surgir do seio do oceano essas perolas, que uma a uma vae engastando no preclaro tridente portuguez. A relação das successivas descobertas, de estranhas gentes, de novos climas, de arrojos de valentia, de perigos até, accendem nos animos um enthusiasmo delirante pelo glorioso titulo de navegador ou de conquistador. O monarcha venturoso, proseguindo pela vereda traçada por D. João II, encarrega o nobilissimo fidalgo D. Vasco da Gama de por mares nunca d'antes navegados abrir caminhó novo para o mundo antigo.

A commissões tão honrosas não sabiam escusar-se os fidalgos portuguezes. Partiu, e o seu nome ficou desde logo gravado indelevelmente nos fastos da humanidade.

A antiguidade. querendo celebrar os arrojos do

primeiros navegadores, faz tripular a imaginaria nau Argos por filhos de deuses, não concedendo a simples mortaes o desempenho de tão formidavel empreza. Hercules, Orpheu, Castor, Polux, são dos expedicionarios, apregoados pela fama, a quem o nosso almirante havia de embaciar a gloria. O fidalgo portuguez não precisa de sangue sobrehumano para subir ás altas regiões da admiração universal, —divinisa-se, elle mesmo pelos seus feitos mostrando-se

em perigos... esforçado
Mais do que permittia a força humana.

Andando os espiritos agitados n'este afanoso labor, não é para estranhar que as letras, ou não progredissem ou caminhassem morosamente. Grande era o desejo de saber, escassos eram, porém, os meios para satisfazer a esta necessidade, e penoso o trabalho dos que se empenhavam em esconjurar a ignorancia.

N'este estado de cousas, uma descoberta assombrosa vem pôr termo ás trevas da idade-média—é a typographia.

Esta verdadeira maravilha revolucionaria proclama aos povos da terra, assegurando-lhes, que não receiem mais barbaros, incendiarios das bibliothecas, pois ella será fiel transmissora do legado da intelligencia, que uma geração deixar para as gerações futuras. Á sua voz omnipotente abriram-se e franquearam-se os sanctuarios do saber humano, e nas venerandas producções da civilisação, até então ao

alcance de poucos, correm a dessedentar-se multidões de espiritos sequiosos de saber. A nossa lingua, até então quasi barbara, é remodelada, regularisada e opulentada com os inexhauriveis cabedaes da lingua latina, e a nossa litteratura, apenas incipiente, influenciada por aquella, levanta-se á altura que lhe souberam dar os nossos escriptores de quinhentos. Foi então, para me servir das emphaticas expressões do muito douto e muito erudito snr. Ferdinand Denis, foi então, *que cada portuguez era um soldado, cada soldado um heroe, e cada heroe precisava de um cantor!*

Nenhum de nós ousaria dizer tanto dos nossos maiores, como este sábio escriptor francez.

N'esta epocha solemne, nasce o predestinado Luiz de Camões, sublime cysne do Tejo.

Creado n'este meio, em que o seu espirito privilegiado recebia toda a instrucção nas letras com tal vantagem, que ainda hoje assombra a sua erudição, natural se torna que os modêlos da antiga litteratura fossem por elle compulsados, estudados e criticados, como o costumam ser pelos genios. Estes, não obstante a sua excepção, não podem eximir-se á influencia dos elementos que os cercam. Enlevado nas glorias portuguezas recentemente conquistadas, e enriquecido d'uberrima instrucção, passou Camões a empunhar a tuba, em que havia de troar a heroicidade dos gigantes do Occidente. Serviu-lhe de guia a Eneida, cujas bellezas forçosamente admirava, ao mesmo passo que lhe conhecia os defeitos, para os evitar e corrigir.

Entremos pois no confronto, que já é tempo de vos não fatigar mais, abusando da vossa paciencia.

Em toda a epopêa ha uma ideia culminante, em torno da qual giram todas as secundarias e accessorias. É representada pelo heroe. Confrontando os heroes das duas epopêas, teremos confrontado os dous poemas nos seus primordiaes e essenciaes elementos.

Vejamos.

Virgilio, extasiado deante da esplendorosa magnificencia da ILLIADA, vae buscar o heroe para a sua epopêa aos dominios da fabula. Eneas, filho de Venus, é um heroe de phantasia, uma idealidade, e mais nada. Póde ser o heroe d'uma epopêa; d'um poema nacional, nunca!

É por isso que a celebração das glorias dos romanos entra na ENEIDA principalmente em dois episodios, maravilhosos sem duvida, mas em que o heroe representa o papel de simples observador. O primeiro, na esplendida descripção do escudo de Eneas, fabricado por Vulcano: o segundo, nos Campos Elysios, quando Anchises lhe faz vêr a comprida série dos que viriam a ser seus descendentes gloriosos.

O seu caracter é a piedade, virtude estimavel, por certo, mas que não tem a elevação e a grandeza indispensaveis á sublimidade épica, quer seja olhada segundo os nossos costumes, quer segundo os costumes dos tempos patriarchaes. A sua valentia, que devia ter occupado o primeiro logar, é a principio muito contestavel, e só pelos fins do poema se faz sentir algum tanto pronunciada.

O quadro da ultima noite de Troia, em que as phalanges gregas reduzem a cinzas a cidade de Laomedonte, embora falho d'originalidade, é traçada por mão de mestre, porém onde o poeta colloca o heroe na mais lamentavel situação.

Priamo, rei de Troia, não obstante a sua edade provecta, na occasião do inimigo lhe invadir o paço, veste a sua armadura, e no seu generoso espirito transluz o convencimento de que poderá defender a vida da rainha sua esposa, e das princezas, cujo era defensor unico. A morte dada a um seu filho diante d'elle e de sua régia consorte, e em presença do altar, a cujo abrigo se tinha refugiado, acende no animo do octogenario os brios d'uma legitima indignação, e ousa arremessar com braço trémulo a inoffensiva lança contra o matador de seu filho. O descaroavel Pyrrho arrasta pelos cabellos o venerando ancião, e sobre o sangue fumegante do moribundo Polites sepulta a lamina da espada no peito do monarcha infortunado.

E sabeis, senhores, em quanto este lance impressionador se passava, onde estava Eneas? De cima do telhado do paço, presenciando este espectaculo, sem que ao espirito lhe assomasse a ideia de correr em soccorro da sua familia. Apenas a edade do fallecido rei lhe desperta a lembrança do perigo que poderia correr seu pae, egualmente ancião, e que jazia paralytico no leito. Desce então, confessa que o mêdo se apossára de seu animo, segue em direcção a casa, mas como no caminho podesse reconhecer Helena á porta do templo de Vesta, arde-lhe então

a cólera no intimo do peito, e resolve ir provar a sua valentia contra uma mulher, só e indefesa!

Eis um dos lances, que Virgilio aproveita para nos dar mostras da bravura do seu heroe! Faz mais: apresenta-o a contar por sua bocca tudo isto á rainha Dido e á sua côrte!

Poderão dizer-me: a lenda era esta, e Virgilio não fez mais que transportal-a do Grego para o Latim. Não póde admittir-se uma tal defesa. Um talento como o de Virgilio corrige estes defeitos, e nunca os deixa passar sob sua responsabilidade.

No livro IV da ENEIDA, por ventura o mais perfeito litterariamente, e que o excellente escriptor latino Santo Agostinho confessava não poder lêr sem emoção, descreve-nos o poeta os amores de Eneas com Dido, rainha da incipiente Carthago. Se, litteraria e isoladamente, é este livro um primor d'arte, considerado como parte da epopêa é um defeito capital, que cumpria ao poeta ter evitado a todo o custo; porém Virgilio, muito ao contrario, para fundamentar a futura rivalidade entre Roma e Carthago, obriga Eneas a contar a Dido, que ao sair de Troia perdera Creúsa, sua consorte, por um modo que pouco justifica a sua piedade. Esta declaração de viuvez desperta todavia no animo da princeza, tambem viuva, a ideia de segundas nupcias; d'ahi o amor em toda a sua intensidade, o abrupto abandono d'Eneas, o suicidio da rainha. Este quadro é altamente repugnante pelo que respeita ao heroe.

Peço-vos, senhores, me releveis o ter entrado tanto na analyse da ENEIDA; mas, se o fiz, foi por

me julgar a isso obrigado. Todos quantos me honram com a sua attenção devem ter lido os LUSIADAS, mas nem a todos corre o dever de ter lido a ENEIDA. Não foi intenção minha fazer-vos conhecer sómente os defeitos do poema latino; se tal fosse o meu intento, tenho receio de que vos chegaria a fatigar.

Talvez vos assalte o espirito este justificadissimo reparo: Se em Virgilio se encontram tantas e tão palpaveis máculas, como é que elle mereceu e merece ainda a admiração geral? Como é que o proprio conferente se extasia diante das bellezas da ENEIDA, e reconhece n'ella tão profundas imperfeições?

Todos vós, senhores, conheceis dois poemas épicos destinados a exalçar o nosso Vasco da Gama: o primeiro e mais antigo, e de que nos vamos occupar — Os LUSIADAS; o segundo, sahido á luz no nosso tempo, collossal, assombroso tambem — A AFRICANA. Este ultimo, producção do tonante Jupiter da musica, foi recebido com febril enthusiasmo, e o será sempre, não obstante as monstruosidades do libreto. Eis a razão.

Em quanto Virgilio segue a lenda hellenica, põe á disposição d'esta a voz suavissima da sua Musa seductora, e ainda quando o estudo nos revela os frequentes defeitos, não queremos attentar n'elles, para nos deixarmos arrastar pela irresistivel fascinação do Orpheu de Mantua. Magico privilegio reservado aos grandes talentos!

Senhores, chegados somos á apreciação de Luiz de Camões. Já era tempo.

De todas as nações cultas, muito poucas teem a

fortuna de possuir um poeta épico, que chamasse sobre si as attenções do mundo.

A Italia moderna orgulha-se com o seu Torquato Tasso; a douta Allemanha contempla absorta a MESSIADA do seu Klopstock; a altiva Inglaterra curva-se reverente diante do PARAIZO PERDIDO; nenhuma porém póde hombrear com Portugal.

Acima d'ellas, pelo direito de prioridade e de incontestavel merito, fulgem os LUSIADAS do sempre vivo Luiz de Camões.

Tendo sido nós os primeiros nas arrojadas navegações e conquistas, cumpria que fossemos tambem dos primeiros na incruenta gloria das letras. N'esta parte, a não ser a Italia, nenhuma nação nos antecede, e em alguns ramos, ninguem nos tira o logar de primeiros. Antonio Ferreira publica a primeira tragedia regular e a primeira comedia de caracter na Europa moderna, e Luiz de Camões o primeiro poema épico. A sua gloria porém não está sómente em ser o primeiro dos épicos modernos, está em ser o unico que é conjunctamente poeta épico e poeta nacional.

Não vae, como Virgilio, buscar o seu heroe ao mundo das idealidades, antes o encontra no mundo real; quasi que viveu com elle, cuja familia nobilissima conhece tão de perto, que era com ella aparentado, cujos feitos escutava apregoados pelos successores na arriscadissima empreza. O caracter do heroe—em perigos... esforçado mais do que permittia a força humana—confirmado por feitos reaes e averiguados, colloca-o n'uma plana immensamente

superior a Eneas. Além d'isso, Vasco da Gama, como heroe, não ama. O heroe não póde amar, porque não póde chorar. Não é que eu considere o amor uma paixão ignobil e deshonrosa, nem o é por certo; mas sómente para a humanidade vulgar e fraca. O heroe está entre Deus e os homens: mora e vive n'uma região superior, onde só ama as ideias sublimes e tão largas como as suas aspirações semi-divinas. Tudo o que fôr fraqueza deve-lhe ser estranho. É d'elle que falla o grande lyrico de Venusa:

Si fractus illabatur orbis,
Impavidum ferient ruinæ.

Cáia, feita pedaços, a machina do mundo, que as ruinas o ferirão impavido.

Quereis uma prova d'esta asserção? Contemplae-o depois de dobrado o Cabo das Tormentas.

Alguns animos apavoram-se ante o espectaculo medonho, com que lhes ameaçava a vida o mar embravecido. O intrepido navegador não hesita, lança ao mar tudo quanto o possa subsidiar na viagem, e com a espada, symbolo do poder e do tridente lusitano, sujeita á obediencia os animos rebeldes, e a um tempo obriga ao respeito os ameaçadores elementos enfurecidos. Vêde-o, senhores, n'essa sublime grandeza!

Contemplae n'essa altura o vulto ingente do heroe portuguez, e dizei-me, se o Vasco da Gama de Camões é uma imitação do Eneas de Virgilio, ou se o

Cysne do Tejo deve alguma cousa ao Cysne do Mincio.

Mais: Homero pinta-nos Achilles no seu carro de batalha arrastando tres vezes ao redor dos muros de Troya o ensanguentado cadaver de Heitor. Virgilio mostra-nos Eneas atravessando com a espada o peito de Turno supplicante. Vasco da Gama... não mata! Rasga com as quilhas dos galeões portuguezes o dorso insoffrido das vagas do oceano, porém a sua espada, desnudada apenas para chamar ao cumprimento do dever, volta impolluta a Portugal. A sua bravura indomavel é tanto mais heroica quanto não é cruenta. [1]

Senhor presidente, é á cultissima intelligencia, e aos nobres e generosos sentimentos, que exornam o coração de v. ex.ª, que agora me dirijo. Não é para sentir amarguradamente que os homens, todos irmãos, se esqueçam da sua altiva dignidade, e, servís por sua vontade propria, só tenham applausos, só endeusem na sua obsecação aquelles que lhes despovoam as cidades, lhes matam os melhores de seus filhos, e inundam de sangue os campos de batalha? Se taes honras se tributam aos Alexandres, aos Cesares, aos Scipiões, com que galardão condigno poderão remunerar um Vasco da Gama, mais intrepido que todos os heroes, e um dos egregios benemeritos da patria e da humanidade?! Um só pre-

---

[1] A acção épica refere-se á primeira viagem de Vasco da Gama.

mio, e esse excepcional, recebeu elle da Providencia: prelibou o nectar da immortalidade, assistiu em vida ás pompas da sua apotheóse, e quando pagou a divida material á natureza, levou comsigo o convencimento de que o seu nome viveria eternamente com os homens. Quando a patria conta, entre seus filhos, d'estes Deuses indigetes, póde pavonear-se da sua invejavel pobreza!

Confrontemos agora os dous poetas nos episodios do Polyphemo e do Adamastor. Ainda n'esta parte me parece Camões superior a Virgilio, sem contestar que o primeiro episodio suggeriu o segundo, como se não póde contestar que os LUSIADAS foram modelados pela ENEIDA. Virgilio imagina um promontorio da Sicilia transformado em Cyclope. É um gigante, que vivia a vida pastoricia, e cujas qualidades um companheiro de Ulysses relata a Eneas e aos Troianos. O rei de Itaca, no regresso do cêrco de Troia á sua patria, foi com os seus companheiros apanhado pelo monstruoso gigante, e encerrados todos no antro que servia de moradia a Polyphemo. As paredes interiores viam-se encrustadas do sangue de frequentes victimas. Apenas entrados e recolhidos homens e carneiros, faz descer um penedo enorme que servia de porta á hedionda estancia.

Toma então dois companheiros d'Ulysses pelos artelhos, esmaga-lhes os corpos de encontro ás anfractuosidades das paredes e passa acto contínuo a mastigar-lhes os membros ainda palpitantes. Bebe em seguida copioso vinho, e cáe n'um somno coma-

toso por causa da trabalhosa digestão, a qual o poeta descreve por um modo demasiado realista, como hoje é de uso dizer-se.

O astuto general não perde a serenidade, antes aproveita a occasião, que o favorecia. Ordena aos seus, que de lança em punho rodeiem a cabeça torva d'aquelle monstro, e todos a um tempo vasem com o ferro das armas o olho unico, que o gigante possuia no centro da testa. Para illudirem depois as diligencias do Cyclope, ordena-lhes que se deite cada um por debaixo d'um carneiro, e se deixem arrastar assim para escapar a uma morte inevitavel.

Acabada que foi a narração, vêem todos o gigante que se dirigia para o mar. Embarcam a toda a pressa, e se fazem ao largo, e só então podem avaliar as verdadeiras proporções do enorme antropophago, que entrando pelo mar lava nas salgadas aguas o ferimento da testa, range medonhamente os dentes, e eis tudo.

Juntae a esta descripção os ornatos de que podia dispôr um poeta, e tereis uma completa ideia da creação de Virgilio. Notae que é um promontorio transformado em homem: mudo, fero, insensivel.

Contrariamente, Camões imaginou um homem transformado em promontorio, com linguagem, com sentimento, e que sustenta communicação com os homens. É elle quem conta a sua metamorphose. Para apreciar devidamente este episodio, seria preciso transcrevel-o, se eu não fallasse a portuguezes.

Todos teem presente a impressão profunda, que nos abala com o retrato d'essa figura de disforme

e grandissima estatura; com o tom de voz medonho e grosso, que pareceu sahir do mar profundo; com a sua estranheza e espanto pela ousadia dos navegadores portuguezes, e finalmente com as ameaças de vingança pelo atrevimento de irem descortinar os segredos dos seus dominios, de nenhum mortal ainda conhecidos. Quando se vê forçado a dizer quem é, e a razão por que alli está, rompe em termos de tal violencia, que muito é para receiar esmague em seus diamantinos braços navios e navegadores. Mas não: a sua alma sente, e é grande allivio para os que soffrem contar as suas amarguras, ainda a desconhecidos. Por isso relata a historia dos seus infortunados amores, d'esse espinho acerbo que parece nem a morte é capaz d'extirpar, e vae embrandecendo, embrandecendo até que rebenta em pranto desfeito.

É agora, senhores, que preciso mais da vossa attenção. O amor e as lagrimas, que eu julguei mal cabidas, incompativeis até com o vulto do heroe, entram n'este episodio por modo admiravelmente magistral. O amor não conhece gigantes: comprazse em os tornar massas inertes, reduzidos á sua omnipotencia. E o Adamastor amou, e o Adamastor obedeceu á lei commum;

Converte-se a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram.

Ao amor seguem-se as lagrimas. E o Adamastor amou, soffreu, chorou. Fôra homem: devia manifestar a dôr pelas lagrimas, expressão excepcional da nossa especie.

E ainda haverá quem diga em boa fé litteraria que a creação do Adamastor é uma cópia, um arremedo sequer do Polyphemo?

O nosso Camões, profundo conhecedor do coração humano e dos segredos da arte, quiz mostrar apenas que os verdadeiros engenhos não precisam de moldes para produzir. Teem em si o fogo divino: não imitam; criam. O exemplo de Prometheu fica para os talentos vulgares.

Muitos e muito authorisados interpretes são de parecer, que o Adamastor é a personificação das mil fabulas, que corriam, relativas ao Cabo das Tormentas.

Sabido é de todos que o povo impressionado com o nome de Cabo das Tormentas, e com a relação dos trabalhos que se passavam para o dobrar, phantasiou milhares de pavorosas desventuras, que tinham logar n'aquellas paragens. Era alli que começava o reino das sombras, aonde quem ia não voltava: tudo era tetrico e povoado de calamidades, que rematavam por uma morte inevitavel.

Considerado debaixo d'esta apreciação, talvez a mais racional e significativa, é o Adamastor uma creação d'uma originalidade estupenda. Não só é original: é incomparavel.

Ainda mais um confronto.

Virgilio é caracterisado pela sua dulcissima sen-

sibilidade. Além de dar d'isso muitas e muitas provas em varios logares do seu poema, revela-o principalmente no livro VI de que já vos fallei, e no encantador episodio de Niso e Eurialo. Tudo quanto se possa imaginar de dôce e terno na amisade e no amor maternal, é por elle apresentado com tão delicada sensibilidade, que enternece até ás lagrimas. Quando, nos Elysios, Anchises mostra a Eneas a sombra de Marcello, feriu tão vivamente o coração magoado de Octavia, que esta princeza cahiu com um deliquio nos braços do imperador, seu irmão. Tinha uma alma angelical o poeta de Mantua.

Pois ainda n'essa parte lhe não cede o passo o nosso Camões, embora não dispozesse de uma lingua tão melodiosa e terna, como a latina.

Abri os LUSIADAS, e lêde a sublime Elegia sobre a infausta sorte da infeliz Ignez, e sentireis uma lucta tremenda entre o odio e a compaixão. Odio para os descaroaveis matadores da infeliz princeza: compaixão por uma gentil senhora, que perdia a um tempo o amor do estremecido esposo, a vida propria, e, o que é mais, as meigas caricias dos innocentes filhinhos. Lance profundamente commovedor, é verdade, mas que não teria as lagrimas das gerações, se a meiga sensibilidade do nosso poeta lhe não imprimisse a dolente angustia, que rebenta dos seios d'alma.

Camões é tão notavel pela sensibilidade, que no meio de colericas ameaças faz destacar este seu dom angelico, divino. O Adamastor troveja horrores sobre os portuguezes, e entre outros avulta o fim tra-

gico de Manoel de Souza de Sepulveda e de sua desolada familia. Não posso furtar-me a reproduzir a ultima estancia, por ser de molde para avaliarmos a alma do nosso poeta:

E verão mais os olhos, que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dois amantes miseros ficarem
Na férvida e implacabil espessura:
Alli, depois que as pedras abrandarem
Com lagrimas de dôr, de magua pura,
Abraçadas as almas soltarão
Da formosa e miserrima prisão.

Quando o poeta o diz assim, quem poderá dizer ou mais ou melhor?

E a penosa mágua, com que o mesmo monstro horrendo conta a historia dos seus amores? É tão terna, tão branda, tão sentida, que nos leva a compadecermo-nos d'aquelle desventurado.

Forçoso me é sahir dos Lusiadas para dar a mais notavel prova da sensibilidade de Camões. Refiro-me ao inimitavel soneto:

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente,
Repouza lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento Ethereo, onde subiste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te
Alguma coisa a dôr que me ficou
Da magoa, sem remedio, de perder-te;

Roga a Deus, que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

Como o espirito se levanta nas azas da saudade até ás regiões do empyreo! Que suavidade de resignação! Que desejo ardente de morrer em vida! Que amor tão casto aquelle! Seja a oração que todos rezem diante do tumulo d'aquellas que foram a metade da sua alma!

Tenho terminado o parallelo promettido no programma, mas, se a vossa bondade m'o permittisse, desejava dizer alguma cousa ainda sobre Camões.

Principiarei por confessar-vos que não julgo o nosso épico impeccavel, e, se tivesse de o julgar isoladamente, não hesitaria em apontar-lhe as maculas, fria e serenamente; todavia considero grave injustiça attribuirem-lhe defeitos que elle realmente não tem.

Accusam-n'o de que foi um poeta historiador, ou antes, que tomou muito da historia para o seu poema.

Foi obrigado a isso, nem podia deixar de o fazer.

A historia portugueza d'aquelles tempos já em si era uma verdadeira epopêa. Os factos andavam aureolados d'aquella claridade, que os fazia contemplar de todo o mundo. É por isso que o seu poema tem de singular não ser uma epopêa unica; é o conjuncto de muitas epopêas. Os Lusiadas são o pantheon dos heroes de Portugal. Nem podia ser de outra sorte; que a sua Musa foi o amor da patria.

Notam-lhe tambem no canto IX algumas liberdades na descripção da Ilha de Venus.

Não podemos partilhar d'uma tal opinião. Os escriptores devem ser julgados pelos costumes do seu tempo, e, se assim o fizerem, não o taxarão de livre, bem como, se o confrontarem com alguns escriptores modernos, deve ser tido por um exemplar de pudicicia. Gil Vicente, cujas composições se representavam no paço perante a familia real e a côrte, dá-nos a evidencia dos costumes d'aquelle tempo. A propria Inquisição, que tanto contribuiu para deturpar o poema, nada encontrou censuravel no tocante a costumes.

Na descripção da Ilha de Venus quiz o poeta pôr em toda a luz a opulencia da sua imaginação, e a profundeza de seus conhecimentos.

Pelo lado imaginativo é a Ilha de Venus a verdadeira mansão das delicias. As flores, as fructas, as florestas, os arroios, os lagos, a luz, o céo, tudo conspira para enfeitiçar a phantasia. Não póde trasladar-se para a tela; tem como rival a natureza. Quem lhe chamasse a descripção do Paraizo, não lhe erraria o nome.

Ainda em pujança d'imaginação poucos poderão hombrear com Camões.

Aquillo, porém, que assombra, é a sciencia do poeta.

A deusa Thetis faz uma exposição a Vasco da Gama do systema do mundo, e n'uma altura que quadra perfeitamente a uma entidade divina. As theorias de Ptolomeu, as unicas então seguidas, eram sobejamente familiares ao poeta; porém, a altura em que eram expostas, faziam d'aquelle logar o supplicio dos commentadores. Espiritos cultissimos não podiam defrontar com as difficuldades do logar. A gloria de dissipar as nuvens, que envolviam aquella montanha do saber de Camões, estava reservada para um espirito tão intelligente como modesto, tão despretencioso. como douto. O meu presadissimo collega o ex.mo snr. Augusto Luso da Silva, fez a luz n'aquellas trevas apparentes; e, prestando um serviço relevantissimo ás lettras patrias, deu mais uma vez provas da sua vastissima erudição.

Falta-nos ainda considerar Camões, como soldado. Na sua carreira militar, começou pelo baptismo de sangue pela patria. No rosto inspirado vê-se bem claro o vestigio do honroso ferimento. A milicia portugueza, cuja historia é das mais ricas em feitos gloriosos, tem sobejo motivo para se ufanar de ter tido na sua classe — Luiz de Camões.

Ainda depois de dois seculos terem passado por sobre as suas cinzas, vem de Camões o maior galardão que se tem dado á valentia militar.

Regressando as tropas portuguezas da campanha

conhecida pela guerra de Roussillon, houve um regimento que sobremodo se exalçara pela sua bravura herculea. Urgia premiar por um modo novo e distincto aquelle corpo de gigantes. Todas as condecorações foram julgadas insufficientes. Foi no poema do soldado-poeta, inspirado no amor da patria, que se encontrou galardão condigno.

Um decreto determina que na bandeira d'esse regimento seja bordada a ouro esta divisa archi-gloriosa:

E direis, qual é mais excellente:
Se ser do mundo rei, se de tal gente!

Disse.

SOBRE

A GLORIA DE CAMÕES

NO ESTRANGEIRO

CONFERENCIA

FEITA NO DIA 13 DE JUNHO, NA SESSÃO SOLEMNE

DA

SOCIEDADE NOVA EUTERPE

PELO

SOCIO HONORARIO

o ill.me e ex.mo snr.

JOAQUIM DE VASCONCELLOS

Circumscrever a gloria de Camões a um mui pequeno quadro litterario, como tem de ser aquelle que vou desenrolar diante de vossos olhos n'uma breve meia hora,[1] é empreza delicada. O thema é grandioso, encheria um volume; mas eu vou já reduzil-o ao tempo que me é dado e á medida das minhas forças.

A gloria de Camões apenas se levantou sobre o paiz natal, inundou o mundo civilisado com o seu fulgor sempre crescente. Ainda não eram passados

---

[1] Pouco mais gastamos na conferencia, que foi um improviso; o estudo que hoje se lê conserva fielmente as feições essenciaes d'esse improviso; apenas n'um ou n'outro logar se equilibrou um pouco melhor a exposição.

cincoenta annos e já os LUSIADAS estavam traduzidos em *hespanhol* e em *latim;* e volvidos mais trinta eram trasladados para o *inglez* e o *italiano*.

Que poema épico haverá do qual se possa dizer tanto?

A poucos passos de distancia, no Palacio de Crystal, achareis uma grande sala: a da *Exposição Camoniana do Centenario*, e podereis avaliar por alto, o que eu resumo aqui. Alli fallam—eloquencia dos factos — centenas de volumes da gloria de Camões, volumes colleccionados pelo ardente amor da patria e da sciencia. Alli estão reliquias, que ainda podem ter a virtude de resuscitar um morto, se tanto fosse necessario.

Não podendo, como já disse, dar n'esta rapida revista senão um *torso,* um fragmento, citarei só os trabalhos mais importantes, que constituem os documentos mais preciosos da gloria de Camões no estrangeiro.

Ainda duas palavras sobre o motivo que determinou a escolha d'este thema.

Eu sempre me habituei a olhar para além das frontèiras em assumptos vitaes, como este de que vou tratar, que interessam o organismo de todo o paiz—; questão de temperamento, ou de educação, ou talvez ambas as cousas determinaram este modo de vêr. Eu ouvi louvar o genio de Camões, tanto ou mais fóra de Portugal do que aqui mesmo, e esta festa centenaria trouxe documentos á luz que são a contraprova mais eloquente da minha affirmação. Esses documentos, esses trabalhos estrangeiros são

o monumento de mais extraordinaria grandeza que era possivel imaginar, da mais profunda significação moral. Adiante conhecereis se fallei verdade, se o monumento é indestructivel.

A base está lançada de ha muito, como o comprova este livro:[1]

O snr. Visconde de Juromenha—citar aqui este nome para sempre vinculado á gloria do poeta, é o primeiro dever de um portuguez — aponta:

1 traducção hebraica, 1 grega, 7 latinas, 9 hespanholas, 21 francezas, 12 italianas, 7 inglezas, 9 allemãs, 2 hollandezas, 1 polaca, 2 dinamarquezas, 2 suecas, 2 russas, 1 bohemia e 1 hungara. Total 78.

A versão hebraica e a grega perderam-se, ou pelo menos consideram-se como perdidas; das latinas só uma foi impressa; das hespanholas salvaram-se seis; das francezas dezasete; das italianas nove; das inglezas todas as sete; das allemãs oito; as restantes existem ainda, felizmente. O total de 78 numeros fica, pois, reduzido, na realidade, a 59; e, se considerarmos só as traducções *completas* impressas, teremos apenas 32,[2] ainda assim um resultado unico na historia da poesia épica.

---

[1] Era o vol. VI da ed. Jur. (Tabellas p. 473-473), que estava sobre a meza.

[2] Foram estes os resultados do Snr. Visconde de Juromenha em 1869. Hoje, em face da mais recente bibliographia, (a da *Commissão Litteraria* do Centenario) a cifra total das traducções completas, impressas, sobe a mais dez (3 hespanholas, 2 francezas, 2 inglezas, 2 allemãs, 1 polaca). Total 42.

Não contámos n'estes numeros as traducções das *Rimas*, de que adiante fallaremos; as proporções ahi são muito menores, por motivos que tambem serão expostos.

Estes trabalhos gloriosos, executados além das fronteiras, deram um impulso fortissimo aos estudos nacionaes camonianos, porque, com as traducções surgiram e cresceram as biographias e as notas que as illustram. O material critico foi augmentando, principalmente desde o principio d'este seculo, o qual assentou a sciencia da historia em novas bases e ministrou assim á critica os instrumentos de analyse os mais seguros. Sendo os LUSIADAS o incomparavel archivo dos nossos feitos, é evidente que uma *Historia de Portugal*, á prova de uma sevéra critica, será sempre a mais segura pedra de toque para avaliarmos a força vital, geradora da nossa epopêa; ora essa historia é ainda um magnanimo presente d'além das fronteiras. [1]

Entremos no assumpto e comecemos pelos nossos visinhos, como manda a cortezia, e como é justo, e porque foram elles os primeiros traductores dos LUSIADAS. Apenas o poeta expirára, ou provavelmente ainda nos ultimos dias de sua vida appareceram, simultaneamente, as duas versões de Benito Caldera e Gomez de Tapia (1580). Estes dois escriptores, á porfia, um portuguez, outro hespanhol, illumi-

---

1 É a de Schäffer, anterior mesmo á de Herculano, (1846-1853, 4 vol.) e completa (1836-1852, 4 vol. e o 5.º em 1854).

naram os ultimos momentos do poeta. Era o despontar da gloria, porque essa lingua castelhana era então, como hoje a franceza, o orgão universal na immensa monarchia de Carlos v,[1] em cujos dominios não descia o sol.

Pouco depois (1590) appareceu a traducção de Garcez, um peregrino como o poeta (e nosso patricio), correndo as novas conquistas da America meridional em serviço publico. No Peru e no Mexico ainda achou tempo para acabar e limar a sua estimada versão, que sahiu á luz em Madrid. Houve depois uma longa pausa em Hespanha, até que em 1818 appareceu a traducção de Lamberto Gil. Este author recuperou o tempo perdido e deu-nos, talvez influenciado pelo exito de Lord Strangford, não só a versão do poema, mas a de uma boa parte das *Rimas*. Em nossos dias o interesse dos nossos visinhos pela lyra camoniana tem crescido sensivelmente, como o attestam as tres versões successivas do Conde de Cheste, Arques, e Aranda de San Juan (1872, 1873 e 1874).

Isto fizeram os traductores hespanhoes, mas não foram só estes, que espalharam a gloria de Camões. Os maiores engenhos da visinha litteratura: Herrera, Lope de Vega, Cervantes celebraram, e cobriram de louros o *divino* poeta.

Depois da nação hespanhola entra em scena a ingleza (Fanshaw 1655); só tres annos depois é que

---

1 Começára a dividir-se só em 1558.

apparece a italiana (Antonio Paggi). São conhecidas as relações de intimidade das duas corôas portugueza e ingleza na segunda metade do seculo XVII pelo casamento da infanta D. Catharina, filha de El-Rei D. João IV com Carlos I de Inglaterra. As allianças matrimoniaes tinham então uma grande importancia no destino das nações, e é provavel que ao benevolo acolhimento feito ao ministro inglez — o negociador da alliança — devamos uma traducção ingleza tão antiga. Ha varias e desencontradas opiniões sobre o merecimento da traducção de Fanshaw; uns louvam muito, outros censuram asperamente.[1]

O que se póde dar como averiguado é que o traductor nos fez um serviço muito notavel e uma versão valiosa para a época, e que ainda hoje póde ser consultada em muitas passagens com proveito. A versão immediata de Mickle teve uma acceitação extraordinaria que não está, de modo algum, em relação com o merecimento do trabalho executado. O que ella vale, como composição poetica: o valor propriamente belletristico d'ella, não entra aqui em conta; a *fidelidade* é a primeira condição a que um traductor tem de attender; aqui, como em todos os outros casos é a primeira das virtudes, e sob este ponto de vista o trabalho de Mickle é desgraçado.

As seis edições (e uma ficticia) da obra, de 1776-1809, provam apenas que o poema dos LUSIADAS, mesmo profundamente desfigurado, como o foi pelo

---

1 Jur. *Obras*, vol. I, p. 270-271.

poeta inglez, ainda exerce e exercerá sempre a magica attracção que é o segredo das producções excepcionaes do espirito humano. Repetir porém essa versão em 1877, depois das de Musgrave (1826) e de Quillinan (1853) sobretudo, é abusar do publico.

As traducções recentes de Aubertin (1878) e Duff (1880), que se disputam os suffragios do publico em condições diversas, mas equivalentes de merecimento, terão feito esquecer os predecessores, em pouco tempo.

Logo depois do inglez Sir Richard Fanshaw (1655) devemos citar o italiano Carlo Antonio Paggi (1658). A Italia prestou, pela bocca do Tasso, publica homenagem ao altissimo poeta, ainda em sua vida. Por certo que o soneto ao *colto e buon Luigi* foi muitas vezes o balsamo mais suave a muitas amarguras do nosso poeta.

Citando as traducções inglezas e italianas logo depois das hespanholas do seculo XVI, não pretendo occultar a tradição relativa a duas versões francezas, uma do seculo XVI, outra do seculo XVII; no entanto, até hoje tudo isto não passa d'uma vaga noticia, de sorte que, perante a historia, as nações ingleza e italiana teem titulos mais antigos ao reconhecimento dos amigos de Camões.

Não olvidamos tão pouco a traducção latina do Bispo de Targa em 1622, na antiga lingua da Italia; este prelado foi portuguez e chamou-se no seculo Frei Thomé de Faria.

São tambem portuguezas as outras duas traducções latinas do seculo XVI, uma de Baião, outra anony-

ma, mas ambas perdidas. E a proposito das traducções latinas seja-nos permittido defender o Bispo de Targa de uma culpa que lhe increpam. Disseram-n'o e repetiram-n'o ainda ha poucos dias que o Bispo quizera supprimir Camões, escamotear-lhe o poema, e cita-se, como prova, o facto de não figurar o nome do poeta sequer no titulo, nem em parte alguma do volume. O pobre Bispo! supprimir Camões, uma innocente empreza; o titulo só: LUSIADAS! o denunciava. Depois, o Bispo devia lembrar-se, como nós nos lembramos agora, das duas versões hespanholas de 1580 e da outra de 1591. Até 1622 havia publicadas umas oito edições dos LUSIADAS, seis das *Rimas* e duas dos *Autos*. Já Tasso, Herrera, Lope de Vega e Cervantes haviam acclamado o poeta.

Suppôr que um prelado instruido e prudente como Frei Thomé de Faria, tivesse intenção de lhe supprimir o nome, é suppôr um absurdo. A outra traducção latina, que merece citar-se, é a de Frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo que, posto que escripta em 1648, só veio á luz, pouco a pouco, em fragmentos até que o *Centenario* fez o milagre da publicação integral, depois de quatro tentativas baldadas.

Deve-se este serviço ao Snr. Pereira Caldas e mórmente ao Snr. Conselheiro Antonio José Viale. Esta versão, posto que fosse deixada só em borrão, foi objecto de muitos louvores dos doutos e foi considerada condigna do nome que a assigna.

Macedo, um talento encyclopedico, assombrou a Italia com a defeza de *Thezes universaes* em Roma

e em Veneza e teve ainda genio bastante para conquistar o titulo de celebridade na côrte de Luiz XIV.[1]

Voltemos á traducção de Paggi, de que nos afastámos um pouco.

Que ella foi bem acolhida, d'isso não ha duvida, — attestam-n'o as duas edições publicadas em 1658 e 1659; no entanto, em ambas usou de demasiada liberdade em varias partes do poema, não porque ignorasse a lingua portugueza, que aprendera durante uma prolongada residencia em Lisboa, mas porque seguia intuitos particularistas, como italiano que era, e apregoador dos feitos de seus patricios.[2] O acolhimento feito ás duas edições explica-se pela protecção que lhe era dispensada pelos membros da nobreza e homens de lettras. Entre as varias traducções do seculo XVIII e XIX ha a especialisar a de Nervi, a de Bricolani e a ultima de Bellotti (1862) que marcam uma progressão sensivel. Nervi foi o mais preferido pelo publico, como se conhece pela rapida venda de sete edições, de 1814-1847.

Já apontámos as traducções francezas do seculo XVI e XVII, infelizmente perdidas. Só em 1735 é que deparamos com a primeira versão completa, a de Duperon de Castera.[3] Apesar de defeituosa serviu de

---

1 v. *Corpus pœtarum lusitanorum*, vol. VI e VII.

2 Para celebrar os navegantes italianos, — introduziu estrophes *ad hoc*, antepondo Columbo a Vasco da Gama, etc.

3 Antes deu apenas o Episodio de *Ignez de Castro*, anony. 1733.

muito a outros litteratos, por exemplo, a Mickle. Voltaire riu-se do autor, mas fez obra pelo trabalho de La Harpe (que ignorava o portuguez, como elle mesmo) e pelo de Fanshaw, um seculo antes. Seguiu-se La Harpe (1776) em collaboração com d'Hermilly que, não fazendo obra muito superior a Castera, animou, pelo lustre do seu nome europeu, outros traductores a seguir-lhe as pisadas. O allemão Seckendorff, o hollandez Stoppendaal serviram-se da versão de La Harpe.[1] Ninguem ignora os protestos a que esta tentativa do celebre critico tem dado logar desde o Padre Aquino até hoje. O Conde da Barca, Antonio de Araujo de Azevedo, dedicou á analyse e refutação da censura de La Harpe («*De la Lusiade*») uma *Memoria* especial (Lisboa 1806) Tom. VII das *Mem. da Acad.*); ninguem se lembrou porém que La Harpe prestou o seu nome — um nome de reputação universal — á traducção do poema n'uma época em que Camões estava pouco menos que esquecido entre nós.

De 1731 a 1748, em dezoito annos, tinha havido uma unica edição dos LUSIADAS; de 1749 a 1759 uma unica edição das *Obras*, mais nada; e só passados treze annos, em 1772, é que os poetas portuguezes deram a Camões novo signal de vida, que não se repetiu senão d'ahi a sete annos com a edição do

---

1 O Snr. Visconde de Juromenha esqueceu esta versão na sua Tab. do vol. VI, mas cita-a no vol. I.

Padre Thomaz d'Aquino, um dos apologistas do poeta contra La Harpe.

Isto são factos que ninguem póde negar, e n'esse intervallo de cincoenta annos de 1731-1782, em que nós publicavamos apenas tres edições das *Obras* e duas dos LUSIADAS — formava-se a nova opinião da Europa, a nosso respeito, porque a Inglaterra ficára em Fanshaw (1655), a Italia em Paggi (1658), a Hespanha em Garcez (1591), a Allemanha mal tinha principiado em 1762 (Meinhard) e os outros paizes septentrionaes estavam ainda mudos, a não ser a Hollanda que adoptára La Harpe (1777). Com um pouco de imparcialidade fazer-se-ha justiça a todos e a nós mesmo, porque n'esse intervallo inventavamos as loucuras de Mafra e as loucuras, ainda maiores, da *Opera do Tejo*, e creavamos a Patriarchal com uma dotação annual superior a quatrocentos contos da antiga moeda.[1]

Voltaire criticou tambem o poeta, mas Voltaire era um *immortal;* a critica, embora só relativamente favoravel, de dous homens que o seculo XVIII ouvia como oraculos, não nos parece tão mau serviço, como se tem inculcado até hoje. A critica julgava por canones tradicionaes, cujo valor ninguem punha em duvida, e se julgaram sevéramente os LUSIADAS, fizeram-n'o consoante o espirito da época.

---

1 Sobre a historia d'esta Patriarchal e da *Opera do Tejo*, v. *Musicos Portuguezes*, vol. I. Biographias de D. João V e D. José; e Mappa N.º 2 do vol. II.

A nova sciencia da historia que havia de abrir os olhos aos censores, não havia ainda nascido.

Gluck, o gigante compositor, tinha de dar a sua musica sublime para miseraveis libretos, que transformavam os heroes da *Ulyssea* e da *Eneida* em «Monseigneur Achille, Madame Iphigénie, etc.»

A versão de La Harpe acompanhou o seculo XIX ainda até 1820 (4.ª edição). A traducção immediata franceza é a de Millié, que gosa ainda de boa fama e se tem multiplicado em seis edições (de 1825 até 1878, Lamarre), successivamente revista por homens como Dubeux e enriquecida com estudos de valor, como a biographia de Magnin. Entre as outras versões merece especial menção a de Ortaire Fournier feita com Dessaules, e com a valiosa collaboração de Mr. F. Denis, tão erudito nas cousas lusitanas; e emfim a de F. de Azevedo (1870).

A Allemanha começou tarde, mas pódè dizer-se d'ella: *last not least;* primeiro Meinhard (1762) com os fragmentos de *Ignez de Castro* e do *Adamastor*, depois o Barão de Seckendorff com o canto I. De repente, de 1806 a 1807 duas versões completas, simultaneamente: as de Heise e de Kuhn & Winkler, em collaboração.

Estes dois trabalhos satisfizeram, por algum tempo, o publico allemão; a versão de Kuhn e Winkler foi reimpressa duas vezes até 1828, postoque não valha talvez tanto como a de Heise, que não passou da primeira edição. A immediata de Donner, cuidadosamente preparada de 1827-1833, supplantou todos os antigos traductores e ainda entre os mais mo-

dernos (Booch-Arkossy, 1854, Eitner, 1869 e Wollheim, 1880) não ha quem lhe possa disputar a palma, apesar dos devaneios de certo critico do *Panorama,* que a pospunha á de Arkossy.

Das outras versões nas linguas septentrionaes, dinamarqueza, sueca, etc., pouco posso dizer-vos, por não ter senão um mui imperfeito conhecimento d'essas linguas. A traducção hollandeza é calcada sobre La Harpe, já o dissemos; póde ajuizar-se d'ahi o seu merecimento. As traducções nas linguas slavas: as polacas, russas, a bohemia, a hungara são ainda menos conhecidas da critica.

Ainda duas palavras:

Deveramos ter começado esta revista pelas versões feitas nas linguas mortas, mas seria começar pelo mais desconhecido; nem da hebraica attribuida a Luzatto, nem da grega de Verdier se conhece o menor extracto. Ficaram em manuscripto e podem reputar-se perdidas.

Até aqui temo-nos occupado só dos traductores dos Lusiadas. Passemos ás *Rimas*. A lista aqui é pequena. Nem podia ser de outro modo.

Traduzir esse poema épico quarenta vezes traduzido é tarefa relativamente facil; para isso basta um conhecimento razoavel da lingua original, das linguas que representam as melhores versões e o conhecimento da nossa historia, que facilmente se adquire n'um bom manual.

Traduzir porém as *Rimas* é tarefa summamente difficil; em logar da *oitava rima* do poema épico temos alli a maior variedade de fórmas metricas, en-

tre ellas a *Redondilha* nacional, a *Canção,* a *Ode,* a *Elegia,* o *Soneto,* a *Sextina,* a *Egloga,* as *Glossas* e *Voltas,* etc., etc.; em logar de uma exposição historica clara e fluente, encontramo-nos n'um labyrintho de factos da vida publica e particular do seculo XVI, de intrigas, de allusões a mil successos ephemeros; e, não obstante, é a esse labyrintho que temos de arrancar os segredos da singular vida de Camões... «pelo mundo em pedaços repartida». As *Rimas* são a confissão de Camões, as suas *memorias.* Faria e Sousa deixou-nos, é verdade, um *Commentario ás Rimas,* incompleto por desgraça, e escripto com tanta parcialidade, que não houve quasi poeta notavel no seculo que elle não estygmatisasse com o nome de plagiario e roubador de Camões! N'esta parte deu-nos um pessimo material biographico, porque creou um *parti-pris,* uma lenda[1] que hade custar a destruir. Traduzir as *Rimas* bem, é pois fazer um trabalho duplo: de versão poetica e de reconstrucção biographica; adiante se conhecerá a verdade d'isto, quando houvermos de fallar de uma traducção allemã das *Rimas* dedicada ao Centenario.

Eis a razão por que os traductores acudiram aos LUSIADAS, e se esqueceram das *Rimas,* a ponto de não termos senão em 1880 *uma* versão integral d'ellas, quando o poema se acha traduzido por completo: *quarenta e duas vezes!*

---

1 Esta lenda estará em grande parte desfeita em poucos annos.

A lista dos fragmentos, mesmo, é pequena. Abre-a Lord Strangford, que em 1803 traduziu uns 40-50 numeros das *Rimas* (sobre um total de mais de 600) e que teve a fortuna de ver umas sete edições do seu trabalho. A extracção parou em 1824; a rapida venda de seis edições, de 1803-1810 déve attribuir-se talvez á sympathia que a peninsula iberica inspirou á Inglaterra nas suas luctas contra o Cesar francez.

A Lord Strangford seguiu-se uma senhora ingleza, poetisa de talento, Mrs. Felicia Heemans, (1818) cujas obras ainda foram recentemente editadas por dous conhecidos livreiros de Londres[1]; a sua versão: 16 *Sonetos,*[2] um fragmento da *Egloga* xv e algumas *Redondilhas,* póde considerar-se razoavel, com relação á época, mas o que não é muito decoroso é que uma nação como a ingleza se contente ainda hoje com semelhantes interpretações.[3] Dito isto, é escusado explicar-vos o que penso do volume de M. Barère—o terrorista Bertrand Barère de Vieuzac—que traduziu ainda em 1828 da traducção de Lord Strangford. É um processo commodo, mas que não vale talvez esta simples menção. Além d'este autor francez ha outro, Mr. F. Denis, que se dedicou ás *Rimas.*

Escusado é dizer que nos serviu bem, escrupu-

---

1 Warne & C.ª e Blackwood.

2 E não 15, como diz o Snr. Visconde de Juromenha.

3 Não contamos aqui alguns poucos fragmentos das *Rimas,* publicados por Adamson (1820 e 1842).

losamente, como em tudo quanto tem escripto ácerca de Portugal, uma rara excepção entre os seus compatriotas, em geral, que usam fallar das nossas cousas *à vol d'oiseau*. Mr. F. Denis traduziu 29 *Sonetos;* 6 *Canções;* 6 *Elegias;* 3 *Odes* (1 fragm.); 5 *Eglogas* (3 fragm.); uma *Carta,* uma *Sextina* e um fragmento do *Psalmo:* «Super flumina Babylonis»— tudo em prosa. Estas traducções dão valor especial á versão dos LUSIADAS de O. Fournier e Dessaules que já tem, além d'isso, o bello estudo do mesmo autor « Camoens et ses contemporains » para conquistar as nossas sympathias.[1]

Apontando mais as traducções das *Rimas* por Lamberto Gil, em 1818, que são até hoje as unicas em hespanhol, e cujo valor, á luz da critica moderna, está mui reduzido, temos chegado quasi ao termo do nosso itinerario, ficando-nos só os trabalhos allemães.

Elles começaram tarde, como já dissemos a proposito dos LUSIADAS; mas, com a tenacidade, a dedicação desinteressada e o profundo conhecimento com que costumam atacar todas as questões, chegaram mais cedo do que todos os outros ao fim da jornada. Assim como em 1806 não havia na Europa

---

1 Seria serviço muito meritorio o emprehender uma nova edição da versão de Fournier, emendando-se no *estudo* alguns erros miudos, que teem sua natural explicação na data em que elle foi escripto por Mr. F. Denis (1841).

Ultimamente (1880) Mr. Cazaubon deu-nos uma selecção dos *Sonetos,* de mediano merecimento.

traducção alguma dos LUSIADAS que podesse rivalisar com a do Dr. Heise, ou com a de Kuhn e Winkler, na fórma e na fidelidade, do mesmo modo não havia em 1852 quem podesse disputar a palma a Arentschildt com a sua bella traducção dos *Sonetos*. Não era uma meia duzia como os offerecia Adamson em 1820 e repetia em 1842 *ipsis verbis;* não eram as migalhas de Mrs. Heemans, ou as amostras de Lord Strangford e Mr. F. Denis—foi logo um presente de 284 *Sonetos!* O Barão de Seckendorff, e A. W. von Schlegel haviam começado cedo a dar amostras das *Rimas* em boas traducções, depois surgiu L. Hain e, após uma pausa maior, o citado Arentschildt em 1847, primeiro com 14 *Sonetos* e as *Canções* VI e X (ed. de Hamburgo), e cinco annos depois com os *Sonetos* quasi completos. Mas a Allemanha não parou ahi, por muito meritoria que a versão dos *Sonetos* parecesse ao publico. Em 1863 publicou Hoffmann treze numeros das *Rimas;* seis annos depois (1869) davam Storck e Schluter todas as *Eglogas,* e passados mais cinco (1874) fazia-nos Storck o incomparavel presente de todas as *Canções!*

Assim, passo a passo, elles foram conquistando tudo! Mas estava reservado ao dia do Centenario vêr cousas ainda maiores. O Snr. Prof. W. Storck conquistou n'esse dia um dos primeiros logares entre os philo-lusitanos, com posse perpetua; a critica emmudece perante o seu triumpho. Junto ao poeta é seu o primeiro logar entre os estrangeiros. Não me cega, nem a amisade que tributo ao autor, nem esse sentimento ainda mais vivo—que não sei definir—pela

nação a que elle pertence, e que eu tenho o direito de chamar minha patria adoptiva.

O que eu aqui digo, correrá ou já corre a estas horas pela Allemanha como um murmurio de admiração, e será em breves dias o voto unanime da critica europea. Não é difficil ser propheta n'este caso.

Quem traduziu as *Canções* em 1874, na fórma em que as conhecemos, podia-nos dar bem as *Poesias completas* em egual perfeição; digo egual, porque o traductor não se excedeu. O que é superior nos dous primeiros volumes das *Poesias completas* é a parte exegetica, a critica do texto, o material historico e biographico.[1] Os dous volumes abrangem I: *Todas as Redondilhas e as Cartas* (161 numeros). II: *Todos os Sonetos* (356 numeros, sendo dous ineditos); a versão é homeometrica sempre. O author tinha concluido o manuscripto de todos os quatro volumes em meado de Dezembro, e só do livreiro editor depende a publicação dos restantes para que este monumento, levantado a Camões diante de 50 milhões[2] de almas tenha a corôa de que é digno. O Snr. Prof. W. Storck começou os seus primeiros estudos de

---

1 As *restituições*, p. ex., fariam honra aos primeiros especialistas portuguezes. O Snr. Prof. Storck pronuncia-se energicamente contra Faria e Sousa, por causa da lenda *dos plagiarios de Camões*.

2 É o calculo da população allemã do globo. Na Europa 47 milhões. Está averiguado que ella augmenta mais de dous milhões por anno.

interpretação em 1851 com tres *Sonetos*. Como vêdes, o triumpho não foi facil: *per aspera ad astra!*

Lembremo-nos d'isto, lembremo-nos d'este alto exemplo de virtude ao serviço do maior espirito que se alevantou n'este paiz, e que hoje obriga a Europa a concentrar os seus olhares n'este canto do Occidente...; que esse alto exemplo de virtude nos sirva de lição, para que quando procurarmos nos thesouros das estrangeiras litteraturas novos horisontes, novo alimento intellectual para nossos filhos, se não diga mais, o que se tem dito, e se tem provado: *Traduttore — traditore.*

A Biblia Nacional

DISCURSO

DO

SOCIO HONORARIO

O ill.mo e ex.mo snr.

P.e Francisco José Patricio

Minhas senhoras
e senhores:

Ha homens tão extraordinarios que, trazendo na fronte o deadema do genio, parece diffundirem muita luz sobre a consciencia humana.

Supprimi-os e vós tereis rasgadas as paginas mais brilhantes da historia: esquecei-os e vós tereis olvidado os melhores dias da vida universal.

Por isso nós devemos deter-nos a contemplal-os para que a sua luz nos allumie, o seu exemplo nos fortaleça, para como elles termos a coragem e a abnegação que distingue o soldado das grandes crusadas, o obreiro das grandes empresas e o apostolo das mais elevadas ideias!

Tal foi por certo o pensamento que inspirou esta festa em que os muito dignos socios da Nova Euterpe veem prestar uma homenagem tão sincera como

eloquente ao immortal cantor dos LUSIADAS. Pensamento elevado a que eu me associei, não só pela excellencia da festa que é uma consagração nacional, mas tambem por conhecer que, sendo a maior parte dos socios d'esta corporação membros da distincta classe commercial, havia uma especial significação no espirito que os animava a juntarem os seus, aos applausos com que todos saúdam hoje o egregio Luiz de Camões.

Senhores:

O commercio, essa alavanca poderosa que a tão alto ergue uma nação, esse Antheu que tudo agita, tudo move, tudo impelle, sem olhar para as distancias de terra, nem para os perigos do mar; o commercio que tornou memoravel a Phenicia, a Babylonia e Carthago, no mundo antigo; o commercio que nobilitou a Grecia e Roma, depois a Hollanda e Veneza e por ultimo as nações modernas á frente das quaes vêmos a Gran-Bretanha e a França: o commercio da Europa recebeu um notavel impulso com o extraordinario commettimento de Vasco da Gama, com esse nobilissimo feito dos portuguezes que abriram por entre as incommemuraveis solidões do oceano o novo caminho para o Oriente.

Portugal, allumiado pelos clarões de tão distincta gloria, tomava um logar honrosissimo no banquete das nações, quando via entrarem pela barra do Tejo os galeões que traziam as saphiras de Bombaim, os estofos de Bengala, o chá do Cantão, os diamantes da China, a camphora de Sumatra e as perolas de Ormuz.

Tem, pois, muita rasão os filhos do commercio em saúdarem o tricentenario de Camões com os férvidos delirios de mil hossanas, porque este facto tão extraordinario da nossa historia e que foi tão importante para a vida commercial da Europa, teve no grande épico portuguez o mais inspirado cantor.

Por isso eu acho-me bem aqui deante d'aquelle busto do—Principe dos poetas portuguezes—e recordando aos filhos do commercio a sobèrana grandeza d'aquelle vulto em cuja fronte irradiou brilhantissima a aureola do genio, em cujos labios collocou Deus a eterna harmonia e em cujo peito pulsou vehemente um coração verdadeiramente portuguez!

As nações da Europa teem festejado modernamente os centenarios de quatro grandes poetas, incluindo o nosso Luiz de Camões. A Allemanha celebrou em 1859 o centenario de Schiller; a Inglaterra celebrou em 1864 o centenario de Shakspeare e a Italia celebrou em 1865 o centenario do seu Dante. Agora sem querer, nem mesmo poder, avaliar o merecimento litterario do reformador illustre do theatro allemão, do grande tragico inglez, nem os inspiradissimos tercetos do sympathico e eminente vulto da litteratura italiana destinado a escrever a elegia do seculo XIII — sem os comparar por este lado, mas olhando-os apenas pelo modo como elles serviram e amaram a patria: eu creio poder affoutamente asseverar que, a nenhum d'elles o seu paiz deve mais do que Portugal deve ao seu primeiro épico!

Pelo nobilissimo sentimento do amor patrio, levado a maior altura a que podia chegar na escala

do sentimentalismo generoso e heroico, elle consagrou á patria a mais arrojada inspiração do seu genio e a maior asseveração da sua individualidade litteraria. A patria que, no dizer d'um contemporaneo illustre, é o solo querido aonde resvalou a primeira lagrima que a nossa vida custou a nossa mãe; a patria que é o templo aonde erguemos as primeiras preces da nossa alma e o sanctuario que perfumamos com o primeiro aroma do nosso coração; a patria, cuja vida é a nossa vida, cuja historia é a nossa historia, cuja honra é a nossa honra, cujas dôres e esperanças são tambem as nossas esperanças e dôres: a patria, digo, foi o assumpto que elle achou mais digno dos seus versos, a muza querida que o inspirasse e o astro formoso que o conduzisse por entre as dulcissimas harmonias da epopêa!

Camões viveu para a patria, soffreu por ella e, segundo a sua derradeira phrase, morreu com ella.

Não vem para aqui a narração do muito que soffreu o grande cantor nos ultimos lustros da sua vida; o soffrimento é muitas vezes o alicerce do pedestal em que se erguem os grandes genios; é mesmo uma condição da nossa propria natureza; a dôr tem um reinado universal e se ás vezes mais peza sobre os grandes vultos que mais na terra se distinguem, é porque no—valle de lagrimas—é lei pezada e dura —não se traz impunemente uma corôa de louros na fronte, sem ter uma corôa d'espinhos no coração!—

E não houve acontecimento por mais extraordinario, crise por mais violenta, desillusão por mais amarga, perigo por mais grave e ameaça por mais

assustadora, que fosse capaz de entibiar as suas crenças, abalar as suas convicções, desmudar o seu proposito, offuscar os brilhos do seu caracter e apagar o incendio do seu amor!

Por isso os LUSIADAS são um cantico nacional; a bellesa d'aquellas estancias dá-nos sentimentos que se não perdem, acende-nos brios que se não apagam, liberalisa-nos animo que se não amedronta nas maiores difficuldades e forças que não se domam!

Os LUSIADAS são para a vida nacional o mesmo que a Biblia é para os crentes. Sim, éra a voz melancolica dos prophetas d'Israel que alentava o animo dos hebreus quando á sombra dos salgueiros da Babylonia juntavam as suas lagrimas á torrente do rio estrangeiro, quando esses sacerdotes das ideias, filhos da luz, vates do futuro, sabiam juntar uma nota sonorissima aos hymnos nacionaes, animar os corajosos guerreiros que tentavam desarmar os tyrannos que escravisavam a patria.

Assim tambem no cerco de Colombo, em Ceilão, aonde pela ultima vez n'aquellas paragens brilhou o antigo valor dos portuguezes, é fama que os soldados, esmagados pelos trabalhos e perseguidos pela fome, entoavam em côro, para se animarem, as estancias mais notaveis dos LUSIADAS.

É que esse cantico immortal é, e será sempre, a grande asseveração da nossa individualidade, um pregão eloquente das glorias d'um luzentissimo passado, uma manifestação distincta da nossa autonomia, o hymno guerreiro d'um povo independente e livre!

Salve ó immortal cantor! Quem deixará de ver no teu nome, uma gloria; na tua vida um exemplo; no teu genio, um prodigio; na tua fama, um astro: nos teus LUSIADAS, o evangelho da patria, a Biblia Nacional?...

Hymno a Camões

HYMNO A CAMÕES

DEDICADO E OFFERECIDO Á SOCIEDADE NOVA EUTERPE

PARA SER CANTADO NOS FESTEJOS

DO

TRICENTENARIO DE CAMÕES

PELO DISTINCTO POETA E SOCIO HONORARIO

O Ex.mo Snr.

A. X. RODRIGUES CORDEIRO

VOZ [1]

Eis o livro!. passaram tres seculos,
e a cada anno que passa, mais novo
reflorece o laurel dos LUSIADAS,
da epopêa que é biblia d'um povo.

Tudo é vivo aqui dentro! O preterito,
como a imagem que o espelho traduz,
se illumina e resae n'estas paginas,
pregão alto da patria e da cruz.

---

1 As primeiras duas quadras da voz, e as duas ultimas, devem ser cantadas empunhando o livro dos LUSIADAS e mostrando-o ao auditorio.

CÔRO

Porto, ó Porto, saúda o primeiro
d'entre os grandes do teu Portugal;
és o heroe festejando o guerreiro,
és a gloria c'roando o immortal.

VOZ

Não ouvis dos cavallos o estrepito?
Não sentis como treme inda a terra?
São os onze e o Magriço, que intrepidos
vão as damas vingar na Inglaterra.

Ignez chora nos cantos suavissimos,
Pedro vinga a aleivosa viuvez,
inda a fonte d'Amor verte lagrimas
em lembrança da morte d'Ignez!

CÔRO

Porto, ó Porto, saúda o primeiro
d'entre os grandes do teu Portugal;
és o heroe festejando o guerreiro,
és a gloria c'roando o immortal.

VOZ

Por S. Jorge! Ea! Sus! diz Nunalvares:
deu signal a trombeta e investidas
vêde as alas, a alarma! e os impetos
Como a quem já não dóe perder vidas!

Olhae Venus em lagrimas, supplice,
defendendo *este povo que é seu;*
vêde o mar como ferve, humilhando-se
aos incendios que o Gama accendeu.

CÔRO

Porto, ó Porto, saúda o primeiro
d'entre os grandes do teu Portugal;
és o heroe festejando o guerreiro,
és a gloria c'roando o immortal.

VOZ

Inda vemos as naves titanicas,
alto exforço da Eschola de Sagres,
que mostraram primeiro entre barbaros
do denôdo e da audacia os milagres.

Inda a Ilha fluctua, acenando-nos
com seus fructos e mimos e amor;
inda choram por nossos maritimos
meigas nimphas que exalta o cantor.

CÔRO

Porto, ó Porto, saúda o primeiro
d'entre os grandes do teu Portugal;
és o heroe festejando o guerreiro,
és a gloria c'roando o immortal.

VOZ

O Gigante inda ruge, lembrando-se
d'essa affronta do luso e das fragoas
com que Thetis o accende, e elle Tantalo
sempre a vêl-a nas lubricas agoas!

Inda se ouve a Sirêna, a prophetica,
desvendando o futuro, contar
a cem povos do mundo os herculeos
altos feitos d'um povo sem par.

CÔRO

Porto, ó Porto, saúda o primeiro
d'entre os grandes do teu Portugal;
és o heroe festejando o guerreiro,
és a gloria c'roando o immortal.

VOZ

Em Alcacer o rei, qual relampago,
vôa e cae onde a hoste é mais densa;
Camões ergue-se, o canto levanta-nos,
Este livro os desastres compensa.

Tudo é vivo aqui dentro! Estes canticos
resgataram da morte fatal
uma historia, o assombro das epochas;
tudo, é tudo aqui dentro immortal!

CÔRO

Porto, ó Porto, saúda o primeiro
d'entre os grandes do teu Portugal;
és o heroe festejando o guerreiro,
és a gloria c'roando o immortal.

CAMÕES E A PATRIA

(POESIA)

CAMÕES E A PATRIA

POESIA DO DISTINCTO ESCRIPTOR

O EX.mo SNR. RAMOS COELHO

EXPRESSAMENTE DESTINADA AOS FESTEJOS DO TRICENTENARIO DE CAMÕES
NA SOCIEDADE NOVA EUTERPE

LEITURA DE PEDRO RÓXA

Acorda, Portugal, teu vate abraça;
Vive ao d'elle o teu fado reunido;
Sae do longo torpor, ó nobre raça,
Ó povo outr'ora pelos mais temido;
Se com o nome seu teu nome passa
Á eternidade onde será ouvido,
C'o a sua apotheose alevantado
A vida nova te verás tornado.

E qual dos filhos teus mais merecera
O teu amor, ó terra endurecida,
Quem, perseguido embora, assim houvera
Para ti sempre a alma offerecída?
Quem martyr o seu corpo á morte déra
Por te deixar immorredoura vida,
Querendo que, se ao tumulo descesses,
No seu manto de gloria te envolvesses?

E tu que foste para elle? oceano
Sempre de escolhos e tormentos cheio,
Que, depois de o levar de damno em damno,
Só para o sepultar abriste o seio;
Assim o mar o perseguido humano
Sacode, ás ondas desprendido o freio,
Surdo á voz da afflicção que o não desperta,
E ao cabo lhe mostra a cova aberta.

Poeta, pobre, amante e desgraçado
Ante a grandeza alevantaste a frente;
Tinhas a lyra tua, eras soldado,
D'um povo a fama te incendia a mente;
Nasceste pelas palmas rodeado,
Que dava ao Tejo o submettido Oriente,
E vendo rica a patria te julgaste
Rico tambem, e o ouro desprezaste.

Porém tamanho esforço e valentia
E nem siquer um canto resoava!
Eil-o, eil-o ahi o rei da poesia,
Que no véu do futuro os olhos crava;
Ó terra, ó terra minha, elle dizia,
E a ingrata de si o desterrava!
Já que apartas de ti o teu amigo
Na eternidade viverás comigo.

E foi cantar do pelago aos furores,
Ouvir das vagas o feroz rugido,
Porque afizesse a voz aos seus horrores,
Para depois do mundo ser ouvido;
Assim o rei dos gregos oradores
Ia bradar ao mar embravecido,
Antes que na tribuna se elevasse,
E contra o jugo uma nação armasse.

Cantor do Gama lhe seguiste a senda,
Antes cantor de um povo navegante,
Como elle encaraste a morte horrenda,
Os seus passos medindo de gigante;
Do Adamastor ouviste a voz tremenda
Como elle, emfim guerreiro e triumphante
Escreveste as batalhas combatidas
Pela patria co'o sangue das feridas.

E ella não te ouvia, e longe d'ella
Tu lhe alçavas o nobre monumento,
Que ao lado seu até agora véla,
Pagando-lhe d'est'arte o esquecimento.
Por seu amor e pelo amor d'aquella,
Que te havia captivo o pensamento,
Se repartiu inteira a tua vida,
Da desgraça por ambos esquecida.

Amar como elle amou e ser amado,
E receber a desventura em paga!
Vinde-lhe ouvir o canto maguado,
Que as suas illusões anima e afaga;
Basta fallar d'amor para, animado,
Logo do seu amor se abrir a chaga;
Sente, commove, o coração fascina;
És tu, és tu inspiração divina.

Ó lagrimas de Ignez, quem não derrama
Sobre vós, se alma tem, a alma em pranto?
Ó ilha dos amores, quem a chamma
Não sentirá de teu suave encanto?
Infeliz do poeta que não ama,
Porém mais infeliz quem ama tanto
Para soffrer como elle, sempre auzente
Ou perto ou longe da que tem na mente.

Camões, da patria desterrado morre,
Expira, expira ahi, bardo sublime,
Dão-te as muralhas de segura torre,
Pobreza, andrajos e até mesmo o crime;
A injuria te recebe e te soccorre,
E em tua fronte nobre as mãos imprime;
Mas não, a patria a que exaltaste o nome,
Tem para dar-te o hospital e a fome!

E vêr as suas praias tu querias,
Que te restava a lisongeira esp'rança
De despontarem mais formosos dias,
E na tua existencia haver mudança.
O seu e teu futuro lhe trazias
N'um livro; n'elle tua fé descança;
E ella, tambem ella, a que te amava
Atravez do oceano te chamava.

Chegas, e o sonho teu se desvanece!
Foi-se o amor, é morta a formosura!
De si a patria, e mais de ti se esquece!
O que te resta, pois? a sepultura!
Ninguem, ninguem de ti se compadece!
Querem-te a gloria; deixam-te a amargura!
Se não fosse o teu Jáo, o teu abrigo,
Não houveras ninguem — nem um amigo!

Vergonha, opprobrio á geração ingrata,
Que assim o egregio vate galardôa;
Vergonha á patria que á penuria o mata,
E o despreso lhe dá como corôa,
Emquanto generoso á que o maltrata,
Em vez de maldizer, elle perdôa!
Sobre a ruina sua geme e chora,
E d'ella o fado, não o seu, deplora.

Porém levantas-te a final do leito,
Onde a sorte, onde a incuria te ha lançado,
Ingrato Portugal, e contra o peito
Apertas o teu vate desprezado:
Ao grande genio vens pagar o preito;
Escutaste do mundo o justo brado.
Oh! vem; se já tres seculos correram,
Maior a tua divida fizeram.

Vem; é grande, é solemne este momento!
E ao divino cantor da tua gloria
Faze sobre seu nome o juramento
De viveres de novo para a historia,
Que n'isso lhe darás contentamento
Maior, que julgará maior victoria
Ver-te, qual d'antes, forte e venturosa,
Do que dever-te esta ovação famosa.

Opinião da Imprensa

LOCAL EXTRAHIDA DO JORNAL

«O COMMERCIO DO PORTO»

NUMERO 156, DE 15 DE JUNHO DE 1880

Depois das 5 horas da tarde, realisou-se na Sociedade Nova Euterpe a *soirée* litterario-musical, observando-se o programma em todas as suas partes, as quaes tiveram a melhor acceitação, programma que já inserimos na nossa folha de domingo.

Os snrs. Casella, Marques Pinto e Miguel Angelo tocaram admiravelmente, e houveram-se de um modo brilhante as senhoras que no coreto alegraram a festa com os seus dotes musicaes.

Os discursos dos prelectores, notaveis pela solemnisação que consagravam, poderão os leitores aprecial-os detidamente, quando sahirem a lume, como remate da homenagem que aquella sympathica aggremiação prestou ao épico nacional. Foram todos muito applaudidos como mereciam.

Arcando com a exiguidade do espaço de que dispômos, relembraremos ainda assim os themas de cada um: o do snr. Rodrigues de Freitas, que oc-

cupou a presidencia, affirmou a justiça da homenagem que a patria tributava ao mais excelso cantor das suas glorias; o do snr. Manoel Emilio Dantas, estabelecendo o parallelo entre Virgilio e Camões, sublimou este ultimo como poeta nacional, épico, lyrico, e como guerreiro, ardendo em amor da patria; o do snr. Joaquim de Vasconcellos explanou a estatistica camoneana estrangeira, glorificando-a á luz da critica historica e social; o do rev. Patricio tendeu a considerar o poeta como um benemerito da patria, cuja epopeia tinha justamente o prestigio d'uma biblia nacional.

Recitaram poesias os snrs. Anthero de Mello e Pedro Rocha.

A *soirée*, que terminou depois das 10 horas da noute, foi abrilhantada com a presença de numerosas senhoras, authoridades civis e militares, membros do jornalismo, de corporações administrativas e bancarias, professores da Eschola Medica, da Academia e Lyceu, de collegios particulares, representantes de associações commerciaes, humanitarias e scientificas, de propaganda e instrucção, alumnos das escholas superiores e um sem numero de pessoas de todas as classes sociaes.

A decoração da sala era realmente acertada e vistosa: ao fundo o busto do poeta, modelado pelo esculptor snr. Soares dos Reis; em cima um distico com o nome da musa que o épico invoca no começo do seu monumento, e despedindo pelo varandim da galeria os das outras apollineas irmãs, com os versos que o poeta lhe endereça nos seus versos; sobre

o coreto, olhando para o busto de Luiz de Camões, os nomes dos principaes traductores da epopeia, com as datas.

Profusão de sedas, côr azul e branca, festões, flores e plantas ornamentaes; e finalmente na sala-retiro, duas taças com jactos de agua continuos, para suavisar o ambiente.

A festa foi uma das mais nobres e bem pensadas que a Nova Euterpe tem realisado.

LOCAL EXTRAHIDA DO JORNAL

«A ACTUALIDADE»

N.º 133, DE 15 DE JUNHO DE 1880

Depois das 5 horas da tarde realisou-se na casa da Sociedade Nova Euterpe o sarau litterario-musical com que esta sociedade quiz commemorar o tricentenario de Camões.

A decoração da sala era elegante, apropriada á grande festa que se solemnisava.

Por detraz da cadeira presidencial erguia-se o busto do poeta, coberto por um docel de setim azul e branco; rodeavam a galeria diversas elipses, engrinaldadas de louros, fechadas por um laço azul e branco, contendo os nomes das nove Muzas; ao meio da galeria, sobre o coreto da orchestra, desdobrava-se uma fita azul e branca onde se mencionavam todas as traducções dos *Lusiadas*, com os nomes dos respectivos traductores.

No salão e galeria viam-se muitas senhoras.

Nos logares reservados vimos diversas auctori-

dades, membros de associações de soccorros, estudantes da eschola medica, os directores da sociedade de Instrucção, imprensa, etc.

Depois de executado o hymno, abriu a sessão o snr. José Joaquim Rodrigues de Freitas, que pronunciou um pequeno, mas eloquente discurso, tendo préviamente declarado que não podia apresentar um trabalho de maior alcance por lh'o estorvarem os muitos trabalhos que constantemente lhe prendem a attenção.

O nobre deputado disse que era mister que se comprehendesse a alta significação d'estas festas civicas, e que cada homem, inspirando-se no livro do grande poeta, fosse amante e defensor energico da sua patria.

O snr. Manoel Emilio Dantas leu um extenso discurso didatico, que revelou a somma de conhecimentos que possue.

O seu trabalho desejariamos vêl-o publicado, porque é bom que fiquem para sempre estas lições eloquentes de historia. *Scripta manent,* e um discurso, por maior que seja o seu alcance, nenhuma influencia exerce, se apenas fôr recitado; porque, *verba volant,* e quando a recitação termina, o ouvinte fica apenas com uma impressão agradavel, e com um ou outro pensamento que conseguiu reter e nada mais.

O snr. Dantas fallou largamente de Virgilio, o épico latino; desenvolveu um estudo critico sobre a *Eneida,* apontou defeitos, notou bellezas, historiou, com vasta erudição, o assumpto d'aquelle poema; lido na mythologia, conhecedor dos livros dos gran-

des poetas, dissertou admiravelmente sobre litteratura latina, com grande cópia de citações valiosas.

Fez depois o confronto dos dois épicos—Virgilio e Camões,— alevantando, sobre aquelle, o nosso famoso poeta, dando o motivo porque Camões era superior a Virgilio, comquanto os *Lusiadas*, em parte, se inspirassem na *Eneida*.

Fallou proficientemente da historia dos nossos descobrimentos, e, no ponto de parallelo entre os heroes da *Eneida* e o dos *Lusiadas,* disse que os d'aquella, matavam, tingiam-se de sangue, ao passo que os heroes portuguezes, Vasco da Gama, o heroe dos *Lusiadas,* ao regressar do oriente, trazia immaculada e pura a sua espada.

O snr. Dantas foi calorosamente applaudido.

A gloria de Camões no estrangeiro é o titulo da erudita dissertação feita pelo snr. Joaquim de Vasconcellos, um completo bibliophilo, muito apaixonado por estes aridos e difficultosos estudos.

O snr. Vasconcellos fez uma curiosa estatistica camoneana no estrangeiro, revelando novamente os seus especiaes conhecimentos sobre estes assumptos. Enriqueceu a sua dissertação com muitas citações de datas, factos, etc., terminando por mostrar como lá fóra era olhado o nosso immortal poeta.

O snr. Joaquim de Vasconcellos recitou tambem uma poesia original do snr. Theophilo Braga, e que é um primor, tanto na fórma como na ideia.

O rev. padre Patricio dissertou proficientemente, tomando para thema da sua dissertação: *Os Lusiadas de Camões são a Biblia Nacional.* O sympa-

thico sacerdote alludiu aos feitos dos portuguezes, que abrindo os caminhos das Indias tantos serviços prestaram ao commercio, fallou das festas com que lá fóra se solemnisam os centenarios dos grandes genios, citou apropositadamente diversos versiculos da Biblia, fallou emfim, com elevação e sciencia, despertando as suas palavras ruidosos applausos.

O snr. Anthero de Mello recitou, com enthusiasmo e correcção, uns alexandrinos formosissimos de Alexandre da Conceição, um poeta de primeira plana, e um critico de consciencia pura.

O snr. dr. Pedro Rocha, recitou, além da poesia do snr. Ramos Coelho, uma parte do *Camões,* do visconde d'Almeida Garrett.

Na parte do concerto, muito ha tambem a especialisar.

Joaquim Casella, um grande artista, executou no violoncello, com um mimo encantador, um trecho da opera *D. Sebastião,* de Donizetti; Marques Pinto, outro artista digno d'este nome elevado, executou, no seu violino, uma *phantasia sobre motivos populares portuguezes,* com a correcção, verdade, e sentimento artistico de que é capaz este distinctissimo professor, e Miguel Angelo, mais uma vez recebeu calorosos applausos, depois de executar ao piano uns excerptos da sua *Cantata,* escripta para o concerto que se realisou no dia 10, no Palacio de Crystal.

As snr.as D. Virginia Costa, D. Anna Lemos de Azevedo e D. Henriqueta Fernandes abrilhantaram o concerto com o seu formosissimo talento, sendo muito applaudidas.